



A CONCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A VIOLÊNCIA DIANTE DOS MAUS-TRATOS SOFRIDOS PELOS ALUNOS

Luana Priscila de Lara Salenave (FASF) luana.delara@hotmail.com

Silmara de Fatima Soares (FASF) silmara1803@hotmail.com

Valdemar Hnyda (FASF) valdemar.hnyda@redesagradafamilia.com.br

Resumo

O objetivo desse artigo foi analisar a concepção do professor sobre a violência diante dos maus-tratos sofridos pelos alunos, assim como perceber se os mesmos estão preparados para observar e atuar frente a estas possíveis situações. Para isso foi realizado entrevistas com professores do fundamental I e levantamento bibliográfico, onde percebeu-se que 57,1% dos entrevistados aprenderam sobre a violência na graduação, e as demais em formação continuada ou/e autodidata. Entretanto, 71,42% dos entrevistados relataram não sentir-se preparados para identificar possíveis maus-tratos sofridos pelos alunos. Com isto mostrou-se que apenas o conhecimento teórico sobre o assunto não traz propriedade para o professor trabalhar nesta temática, portanto é interessante investimentos na formação, para que os professores obtenham domínio sobre o assunto, uma vez que os casos de violências sofridos pelos alunos tem sido um problema recorrente, principalmente durante a pandemia. Fazendo necessário o olhar do professor, para garantia dos direitos dos alunos.

Palavras chave: Professor. Violência/Maus –Tratos. Concepção.

THE TEACHER'S CONCEPTION ABOUT VIOLENCE FACING THE MISTREATMENT SUFFERED BY STUDENTS

Abstract

The main point in this article was to analyse the teacher's conception about violence facing the mistreatment suffered by the students, as well to recognize if they are prepared to observe and act facing these possible actions. Therefore, interviews with teacher from elementary I were made, as well as bibliography survey, which could be noted that 57,1% that were interviewed learned about violence during the graduation, and the others during the continuing educations and/or self-taught. However 71,42% of respondents, reported not to feel prepared to identify possible mistreatments suffered

by the students. Thereby could be noticed that only the teoric knoledge is not enough for the teacher to work on this topic, therefore it is importante invest in training, looking for the teacher achieve better performance, once that cases of violence suffered by the students has been a recurrent problem and it increased based on the pandemic. The teacher's gaze is primordial, to saveguard your students rights.

Key words: Teacher. Violence/Mistreatment. Conception.

1 INTRODUÇÃO

Nunca a concepção do professor sobre o olhar que tem com criança teve tanta importância como nos dias atuais, em que antes da pandemia se percebia por meio da fisionomia como as pessoas estavam se sentindo, hoje não é possível essa percepção, pois o sorriso está escondido atrás de uma máscara. A pandemia trouxe essa outra forma de olhar o outro, como identificar quais sentimentos a criança está sentindo? Se a máscara esconde as reações mais transparentes, com isso necessita-se encontrar meios para ver além da máscara, valorizando esse olhar.

Dessa forma, aprender a ver os sentimentos apenas pelos olhos, se estão transmitindo felicidade ou tristeza, angústia ou tranquilidade, com isso trazendo para o olhar a responsabilidade de transparência de sentimentos, valorizando o ditado popular, que já salientava a importância do olhar, “Os olhos são a janela da alma”. Os olhos são expressivos muitas vezes entram em contradição com aquilo que se fala, mas os olhos não mentem eles denunciam as verdadeiras emoções.

A importância da percepção do olhar não se limita apenas nas expressões, mas envolve o como se lê as ações do outro, em especial dentro das escolas e nas salas de aula. O professor é o responsável por auxiliar na trajetória educacional do aluno, e para este trabalho, é essencial a interação apurada cada criança que se encontra na busca pelo conhecimento.

[...] não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar, politicamente. Não posso escapar a apreciação dos alunos. (FREIRE, 2011. P 94)

A realidade escolar, dentro do contexto da modernidade e complexidade, supera as expectativas da dimensão de ensino-aprendizagem, e, desafia o professor a sair ao encontro do educando na sua realidade integral. Desta maneira, na atualidade não há espaço mais para que o aluno seja visto apenas como um receptáculo, é necessário que o educando seja agente ativo do processo educacional, pois a escola deve visar uma educação aplicável e duradoura, que perpetue o contexto da realidade do aluno. Portanto o aluno não pode ser visto mais como uma folha em branco, ainda mais hoje em que interage o tempo todo com as tecnologias e isso faz com que seja ativo não passivo no ensino-aprendizagem.

Nesta direção, Machado e Machado (2004) descrevem como deve ser a ação de um bom docente:

[...] deve promover a realização de atividades e apoiar sua resolução, e não apenas mostrar a resposta correta; oferecer novas fontes de informação e favorecer sua compreensão. “Guiar, orientar, apoiar” devem se referir à promoção de uma compreensão profunda, e estes atos são responsabilidade tanto do docente no ambiente presencial como do tutor na modalidade a distância. (MACHADO; MACHADO, 2004, p.1).

Segundo Paulo Freire (2011), o processo ensino-aprendizagem é especificamente humano, por isso político, e exige do professor um saber de sua natureza e saber especiais, ligados à sua atividade docente, portanto, o foco no trabalho é um método necessário para que os professores busquem novas formas de atrair, incluir e motivar os alunos a aprender, levando em consideração os aspectos físicos, emocionais, sociais, culturais, econômicos e cognitivos dos alunos. De acordo com este princípio, devem ser realizadas atividades que atendam às necessidades únicas e coletivas dos alunos.

Sobre isso este trabalho teve por objetivo principal analisar a concepção do professor sobre a violência diante dos maus-tratos sofridos pelos alunos, assim como objetivo específico identificar se os professores estão preparados para observar e atuar frente a estas possíveis situações de maus-tratos sofrido pelos educandos. Diante desses objetivos, salienta-se que o papel do professor na escola é primordial na identificação de possíveis situações de violência envolvendo a criança, pois há muitas situações no processo de ensino e aprendizagem que favorecem esse reconhecimento.

[...], mas o fato de um aluno não estar aprendendo não significa necessariamente que eu esteja ensinando mal. Significa que ele está com dificuldade que não está conectada ao meu modo de ensino, que pode ser reflexo de uma base anterior ou de uma circunstância dele naquele momento, ou porque está vivendo algum tipo de perturbação na família, entre outras possibilidades. Por isso, insisto na ideia: aluno com problema não é problema meu, é problema nosso. E, assim sendo, tem de ser coletivamente cuidado. (CORTELLA, 2015, p.107)

Cortella destaca a importância de conhecer e olhar para o aluno na sua totalidade, para perceber e reconhecer as vivências das crianças, sempre atentos se estas vivências não trazem traços de violência ou maus-tratos, que algumas vezes podem ficar ocultos devido a pressões psicológicas sofridas pelos mesmos.

Na atual circunstância, em que as aulas estão sendo ministradas de forma remota e o professor vê o aluno apenas pela tela, a dificuldade aumenta, em se tratando de sentir os alunos, visto apenas pelo olhar, dificultando a percepção do professor se os mesmos estão sofrendo algum tipo de violência ou maus-tratos.

O professor se depara com uma realidade muito adversa com pandemia, pois a vida de toda sociedade foi atingida de uma maneira ou de outra e de maneiras negativas, o psicológico foi afetado com tantas informações repassadas pelos meios de comunicações. Com essa situação as famílias acabaram ficando mais restritas, nas suas residências e convivendo, apenas, uns com os outros. Além disso, as crianças, muitas vezes, acabaram sendo alvo fácil de atos de violência, mesmo porque os adultos estressados e preocupados com a situação em que estavam passando não tinham paciência com as atitudes e travessuras dos pequenos.

Este trabalho visa por meio de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, levantar informações sobre a concepção do professor sobre possíveis violências e maus-tratos sofridos pelos alunos, assim como, levantar informações, referente ao preparo dos profissionais da educação, sobre esta temática. Para a discussão proposta organizou-se o trabalho da seguinte forma: a primeira parte traz a fundamentação teórica, que trata da criança na escola e as situações de maus-tratos, depois aborda-se a criança na pandemia e as situações de violência. Na sequência está a metodologia e finaliza-se com a análise dos dados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A criança na escola e as situações de maus-tratos

Este presente trabalho busca analisar a concepção do professor sobre a violência diante dos maus-tratos sofridos pelos alunos, uma vez que o aluno deve ser considerado como ser único, que é trabalhado em prol do seu desenvolvimento integral. Assim como, o trabalho pretende verificar se os profissionais da educação sentem-se preparados para observar possíveis violências ou maus-tratos sofridos por seus educandos.

A dificuldade de identificar essas ações de violência ficaram muito expressivas nesse

tempo de pandemia, pois em sala de aula presencial o aluno de alguma maneira demonstra para o professor seus sentimentos, pede socorro seja por meio de conversa, de desenhos ou até mesmo pelas mudanças de atitudes. Com a pandemia perceber situações de violência ficou muito difícil. O aluno muitas vezes não tem como expressar reação alguma, pois muitas vezes o agressor está ali ao lado da criança e assim fica muito difícil de o professor perceber qualquer problema que a criança esteja passando seja uma agressão moral ou física. E essa situação se agrava porque os adultos não estavam mais acostumados com os filhos o tempo todo dentro de casa e com isso a impaciência tomou conta da rotina da casa, os pais tiveram que se tornar também professores.

Diante dessa nova realidade a interação do professor se tornou ainda mais fundamental para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Pois, além de ensinar o conteúdo o professor precisa estar mais atento do que sempre esteve para perceber situações de violência, muitas vezes apenas pelo olhar da criança e pedindo socorro. Como diria o escritor cristão São Jerônimo: “O rosto é o espelho da mente, e os olhos, sem falar, confessam os segredos do coração”. Percebe-se assim que o olhar assume o papel de expressividade da alma, sendo ele o canal para a manifestação dos sentimentos.

De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra aluno significa “aquele que foi criado e educado por alguém; aquele que teve ou tem alguém por mestre, ou preceptor, educando. Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino, ou não; discípulo, estudante, escolar.” Também aluno veio do latim ‘alumnus’, “criança de peito, lactente, menino” e, por extensão de sentido, “discípulo”. Essa denominação aponta a íntima relação que o educando assume em relação ao professor, por isso, muitas vezes, a escola pela pessoa do professor acaba mais facilmente percebendo situações de maus-tratos e violência envolvendo a criança.

Por mais que o artigo 18, do Estatuto da Criança e do Adolescente, coloque que, “a criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto”, nem sempre é respeitado pelas famílias. Essa medida, por mais polêmica que possa ser, foi escrita visando conceder à criança e ao adolescente o status de pessoa, já que o Código Penal (de 1940) já vetava qualquer forma de agressão e tortura entre seres humanos. Entretanto, vale ressaltar que em outras épocas a criança não era tratada como criança, alguém que pensa e tem relações que envolve a infância, inclusive a própria arte retratava a criança como um adulto de tamanho reduzido.

Por conseguinte, a arte medieval, uma das únicas formas de expressão do real naquela época, não retratava a criança como de fato ela era. As obras retratam crianças com características do homem adulto, porém, em tamanho reduzido. E por isso as pinturas coerentemente retratavam as crianças como adultos em miniatura, pois logo que as crianças deixavam de usar cueiros, vestiam-se exatamente como outros homens e mulheres de sua classe social (POSTMAN, 2011, p.32).

Com o passar dos tempos, as pesquisas foram aprofundando a concepção de criança e com ela a forma de ver o aluno como um ser pensante e com características próprias. Para Kramer “a infância é entendida como período da história de cada um, que se estende na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade” (2006 p.13). Em outra obra Kramer, a autora defendeu uma concepção que reconhece o que é específico da infância, que é o poder de imaginação, fantasia e criação. Contudo entende “[...] as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas subvertendo essa ordem” (1999 p. 272). A partir dessas colocações, a escola precisou rever sua forma de organizar o trabalho pedagógico de modo que aproxime mais das crianças, com o intuito de ajudá-la a tornar-se um cidadão mais

ajustado a realidade social a que pertence.

Além disso, a criança tem direitos, que precisam ser respeitados na sua integralidade, independentemente de suas características físicas, culturais, políticas e religiosas. Como colocaa constituição de 1988, no artigo 227.

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de coloca-los a salvo de toda forma de negligencia, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (CONSTITUIÇÃO, 1988, Art.227)

A criança diante da constituição tem direitos absolutos, os quais precisam garantidos e respeitados por todos os cidadãos, inclusive seus familiares, que com uma visão simplista não percebem as mudanças que a concepção de infância sofreu ao longo dos séculos. Essas mudanças precisam ser entendidas pela escola como fundamentais para se compreender as situações de violência e maus-tratos, em que as crianças são expostas durante sua infância.

Nessas metamorfoses conceituais o Parecer 020/2009, que trata da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ao referir-se à concepção de criança, enfatiza que ela como:

[...] é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adulto e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.7)

A criança precisa ser observada como ser pensante, que precisa se desenvolver de forma íntegra, pois são as crianças que carregam o futuro. Este desenvolvimento, vai muito além dos livros e conteúdos didáticos, é necessário que seja acolhida no meio social em que vive, e que se proporcione, da melhor maneira possível, condições de pleno desenvolvimento das suas potencialidades. A criança deve ser analisada, no seu estágio de ser humano em potencialidade, isto é, cada aluno encerra em si um universo de riquezas, belezas e possibilidades que devem ser desenvolvidas. Porém, o desenvolvimento dessas possibilidades podem ficar obscurecido caso não respeite a sua humanidade, não encontre por meio do olhar do professor, uma acolhida, uma palavra mais próxima. Cabe ao professor fomentar o seu crescimento e desenvolvimento pleno e íntegro, ajudando-a a progredir na sua forma de viver a infância.

Diante dessa relação tão próxima com o professor, ressalta-se a origem da palavra professor vem do latim “professus”, que significa “aquele que declarou em público”. Ela nasceu do verbo “profitare”, professar em português, ou seja, “declarar publicamente ou afirmar perante todos”. (TREINAMENTO 24, 2021, p.1). Assim, o professor assume responsabilidade no enfrentamento da profissão, que exige dele um olhar mais aprofundado sobre a criança, no sentido de perceber situações inusitadas envolvendo maus-tratos e violência, que devem ser considerados quando se fala de infância.

O professor é aquele responsável por ensinar e conduzir o aluno, no seu processo de desenvolvimento. E para tal, é preciso algumas habilidades, como cita Cortella “[...] Quando é uma criança específica, as vezes temos, sim, o desejo de deixar de lado. Porém, temos o dever de não fazê-lo. Nessa hora, o conteúdo ético vem à tona. A escolha por abandonar ou enfrentar a questão é uma decisão ética.” (2015, p.106.). A ética para compreender o seu papel no enfrentamento da violência contra criança.

O docente precisa ser acessível, para que o aluno tenha segurança e liberdade, para ter uma participação ativa no seu próprio aprendizado. Pois, deve-se viver a educação condizente com a realidade atual, uma vez que os alunos carregam a sua bagagem histórica. O professor precisa pensar na sua prática, buscando inová-la, e não ficar estagnado, de modo a garantir a empatia do aluno não só com a pessoa do professor, mas também com o saber, pois o mundo está em constante evolução.

Dessa maneira, para Libâneo, é fundamental perguntar: que tipo de reflexão o professor precisa para alterar sua prática, pois para ele a reflexão sobre a prática não resolve tudo, assim como a experiência refletida, também não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76)

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Portanto o professor necessita compreender que o diálogo é necessário em suas aulas, assim ele deixa de ser visto como transmissor de conhecimentos e passa a ser um mediador que atua em todas as experiências vividas pelo aluno.

Assim, pode-se trazer a visão do professor para essa situação de pandemia o professor precisou desenvolver habilidades que antes não lhe eram impostas, como, por exemplo um aluno que não está entendendo o conteúdo, não está fazendo atividades direcionadas pelo professor, ou mesmo um aluno que está desobedecendo muito, em sala de aula o professor resolveria todas essas situações de maneira individual e pontual. No entanto, com o aluno em casa como o professor vai levar o aluno para a coordenação se o mesmo não estiver seguindo as orientações, como saber se aquele aluno com câmera desligada está aprendendo, o trabalho do professor sofreu muitas mudanças e com isso o ensino-aprendizado precisaram ser revistos pelo professor, bem como a sua percepção na identificação de situações de violência e maus-tratos.

2.2 A criança na escola em tempos de pandemia e as situações de violência

A palavra violência deriva do latim “violentia”, que significa “veemência, impetuosidade”. Mas na sua origem está relacionada com o termo “violação”(violare). A dimensão de violência há muito tempo já encontrava lugar para se manifestar. No contexto bíblico, por exemplo, na Bíblia Sagrada no antigo testamento já consta um dos primeiros atos de violência sendo a discórdia entre Caim e Abel onde apresenta: Gn4,8- 9. Entretanto, Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos sair.” E quando estava no campo, Caim se lançou contra seu irmão Abel e o matou. Então Deus perguntou a Caim: “Onde está seu irmão Abel?” Caim disse não sei: não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?” Nota-se com isso que a violência está presente na sociedade desde os primeiros escritos.

A cultura da violência está tão enraizada, que em determinadas situações é tida como normal, como relata Aranha (2017), se vive e experimenta a violência em vídeos, revistas entre outros meios, com enredo de heróis e vilões, bandidos e mocinhos, como se fosse possível separar as pessoas como seres integralmente boas ou inteiramente más. E cada pessoa, na medida que se vê em situações adversas, se alto posiciona do lado bom, ao contar a sua versão, de alguma história vivenciada.

Entretanto, como salienta Aranha (2017), “[...] Não nascemos sabendo o que é bom e o que é mau, nem temos tanta certeza sobre o que os adultos dizem ser certo e o errado.” esta consciência é construída por cada indivíduo, de acordo com as experiências vivenciadas e observadas, do meio em que convive. E a violência encontra-se enraizada, ela é histórica, não se sabe como se iniciou, sabe-se apenas que a registros de violência nos livros mais antigos, assim como nos mitos da Grécia Antiga era eminente.

E com o passar do tempo, a violência não foi desaparecendo, tão pouco perdendo a força, no próprio processo de colonização do Brasil se fez presente situações de violência como a escravidão, a tomada das terras pelos europeus, e as próprias pessoas que vieram habitar o Brasil.

As primeiras populações que foram trazidas para o novo mundo não vieram de bom grado nem planejavam aqui ficar. Eram, na sua maioria, deserdados da sorte indesejáveis na sociedade da qual partiram. Na busca de esposas para esses primeiros povoadores foram recrutadas à força jovens órfãs que se casavam contra a vontade. Pode-se imaginar daí o complexo enredo do romance familiar da fundação do Brasil. (MENDES, 2017, p.34)

Nota-se assim por meio de tantas realidades diferenciadas, que a violência é intrínseca à vida do ser humano em todas as dimensões, enraizadas historicamente na sociedade.

Para a Organização Mundial de Saúde, caracteriza-se como violência o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si própria, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, danos psicológicos, deficiência de desenvolvimento ou privação.

O Ministério Público do Paraná (MPPR) classifica os tipos de violência em: Violência patrimonial; Adoção ilegal; Aliciamento sexual infantil on-line; Bullying; Cyberbullying; Discriminação; Exposição de nudez sem consentimento; Negligência e Abandono; Pornografia infantil; Tortura; Trabalho Infantil; Tráfico de crianças e adolescentes; Violência física; Violência institucional; Violência psicológica; Violência sexual.

As diferentes formas de violência são também classificadas pela OMS, segundo a ‘natureza’ dos atos cometidos.

‘Violência física’: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades.

‘Violência psicológica’: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social.

‘Violência sexual’: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.

‘Negligência ou abandono’: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados. (Brasil, 2001; Krug et al., 2002):

Esta forma de classificação da natureza da violência, assim como qualquer outra, é imperfeita, não traduzindo completamente a complexidade do tema. Todavia, “fornece uma estrutura útil para se compreender os complexos padrões de violência que ocorrem no mundo, bem como a violência na vida diária das pessoas, das famílias e das comunidades” (Krug et al., 2002: 6).

De acordo com Nunes e Sales (2016), a violência física, muitas vezes é disfarçada ou camuflada, como ato de educar, é o que o agressor alega como principal motivo de justificativa de tal ato infringido a vítima. Os autores colocam ainda que, a violência ocorre em sua maior frequência dentro do núcleo familiar, por membros que residem na mesma residência.

A partir dessas questões a violência foi caracterizada como algo muitas vezes naturalizada e outras como situações, que precisam ser investigadas. Violência é violência em qualquer circunstância, o que exige certo cuidado, principalmente no contexto escolar. Nos últimos dois anos as escolas foram obrigadas a tomar certas medidas de prevenção a covid-19, que afastou os alunos do convívio com o professor, dificultando o reconhecimento de situações de maus-tratos e violência contra a criança.

Diante desse contexto, a pandemia se tornou uma situação que exigia da escola outros cuidados, diferentes daqueles comumente visto em outros contextos. A Covid-19 iniciou na China, em Dezembro de 2019, onde de acordo com Sá (2021), inicialmente foi reportado a OMS - Organização Mundial de Saúde, sobre casos de uma grave pneumonia. Em janeiro foi identificado um vírus, como causa da pneumonia, um novo coronavírus. Em 23 de janeiro, a cidade dos primeiros casos, foi colocada em quarentena. Porém ainda em janeiro o mundo recebia da OMS alerta sobre o risco de um surto mais amplo.

Em fevereiro foi registrado o primeiro caso no Brasil, e o cenário brasileiro foi semelhante a de outros países, corrida para os mercados, para a realização de estoque de produtos alimentícios, fechamento de inúmeras atividades comerciais e prestações de serviços, isolamento social, como membros das famílias confinados dentro de suas residências, forçando a população a um novo cotidiano, e como mostrou os dados do Tribunal de Justiça do Paraná, divulgado pelo Comitê Protetivo, o índice de violência contra criança e adolescente, aumentaram.

De 1º de janeiro a 23 de março deste ano, foram 2.773 ocorrências. Ao todo, 2.977 crianças e adolescentes foram vítimas de algum tipo de violência. Entre as maiores vítimas estão as faixas etárias de bebês menores de 1 ano (220 casos), adolescentes com 14 anos (251), 15 anos (331), 16 anos (342) e 17 anos (378), segundo dados da Secretaria da Segurança Pública do Paraná (SESP). (TJPR, 2012).

Dados indicam, Luvisotto (2021), que a maioria dos casos de violência acontece dentro de casa por pessoas do círculo social, como a criança é dependente de um adulto esse adulto decide se será violento ou não com a criança. E essa violência muitas vezes acontece pela impaciência do adulto que em tempo de pandemia acabou ficando mais em casa e percebendo de perto a pressão que a nova realidade trouxe, e ao mesmo tempo a criança ficou distante fisicamente da escola, de vizinhos ou de pessoas que ela pudesse relatar a violência sofrida.

Apenas entre os meses de janeiro e março de 2021, a Secretaria de Estado da Segurança Pública do Paraná (SESP-PR) registrou 2.773 casos de lesão corporal, ameaças e estupro de vulneráveis. Segundo o Comitê Protetivo, esses números estão subestimados. Com crianças e adolescentes fora do ambiente escolar, a situação piora.

De acordo com a juíza Noeli Salete Tavares Reback, coordenadora estadual do Comitê da Infância e da Juventude do TJ-PR, a escola é um dos locais onde mais facilmente são identificados os sinais de violência contra menores.

“O dano psicológico se soma ao dano pedagógico. No ambiente escolar, os pedagogos e professores são pessoas capacitadas para identificar sinais que não são percebidos à primeira vista. A criança que sofre violência, na maioria dos casos, sente-se culpada e por isso não procura ajuda. É preciso que a sociedade esteja mais atenta nesse momento de isolamento social. Qualquer indício de violência na vizinhança, no condomínio, ou mesmo na rua, devem

ser denunciados e identificados. Com a divulgação desses dados, o que queremos é que as pessoas tenham contato com essa realidade que vem se agravando ao longo da pandemia”, explica a juíza.

No Paraná, o maior número de crimes está concentrado nas maiores cidades. Entre janeiro de 2020 e março de 2021, Curitiba registrou 3.645 casos de violência contra menores e as cidades de Londrina (1.051), Ponta Grossa (902), Cascavel (732), Foz do Iguaçu (730) e Maringá (587) também apresentam números altos de casos. GAZETA DO POVO 16/08/2021

Como mostra os dados acima, os números da violência aumentaram consideravelmente, neste período de isolamento social, onde as crianças e adolescentes encontravam-se fora das escolas, somando assim os dados psicológicos aos pedagógicos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, do ponto de vista de sua natureza, é de caráter básico, uma vez que busca aprofundar conhecimentos, a respeito da percepção do professor sobre os alunos, voltado para a identificação de possíveis maus-tratos, com professores da rede privada de ensino. Como classifica Prodanov e Freitas, “pesquisa básica: objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista.” (2013 p.51)

Referente a seus objetivos, esta pesquisa enquadra-se na Exploratória, pois como explica Gil (1994) apud, Moreira e Caleffe, “[...] principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (2008. p.69). Que será desenvolvida com objetivo de observar a percepção do professor sobre a violência diante dos maus-tratos sofridos pelos alunos.

E possuirá uma abordagem qualitativa, pois como descreve Gerhardt e Silveira (2009. p.31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”, que é o que a pesquisa buscará compreender acerca da temática, da relação existente entre os professores e alunos.

Quanto aos procedimentos, para a realização desta pesquisa, enquadra-se na pesquisa bibliográfica, pois como classifica Prodanov e Freitas (2013, p.54), “Pesquisa bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, [...] com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.”. Assim como, enquadra-se também na Pesquisa de Campo, uma vez que, “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.59). Isto pois, a pesquisa usará materiais já publicados como base bibliográfica e fará a realização de questionário aberto para professores de uma rede particular de ensino em Ponta Grossa.

A pesquisa será realizada por meio de levantamento bibliográfico, e posteriormente, questionário, voltado para os professores, visando observar a percepção dos professores sobre os alunos, acerca da temática, dos possíveis, maus-tratos e violências, sofridos pelas crianças e adolescentes.

4 ANALISE DE DADOS

Foi realizado questionário, via google forms, e o mesmo foi enviado via whats app, para a coordenadora responsável pelas professoras do segundo e terceiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede particular de Ponta Grossa. Com o instrumento de pesquisa, foi obtido um total de sete respostas. As questões foram realizadas de forma anônima, sem a identificação dos participantes do questionário.

Aprimeira questão foi voltada para a formação profissional, “Qual a sua formação? E onde se formou?” e foi obtido as seguintes respostas, que se segue abaixo:

A- Me formei no Curso de Formação de Docentes no Colégio Sagrada Família. Sou também graduanda em Pedagogia na UEPG.

B- Magistério no Sagrada/ História UEPG

C- Sou formada no Curso de Formação de Docentes (CFD, antigo Magistério). Colégio Sagrada Família

D- Licenciatura em Pedagogia UEPG

E- Licenciatura em Pedagogia (UEPG). Pós-graduação em Psicologia Clínica e Institucional (USP). Metodologia do Ensino Superior (FACINTER). Metodologia para o ensino da Matemática (UNIFESP).

F- Superior completo. UEPG.

G- Cursando pedagogia - Faculdade Unina.

Observa-se nas respostas recebidas, que a maioria cursou ou está cursando, Licenciatura em Pedagogia, nota-se ainda que as entrevistadas que não realizaram a mesma graduação, são formadas no Curso de Formação de Docentes. Além disso, percebe-se que uma quantidade considerável continuou estudando em busca de aperfeiçoamento na área da educação.

Com isto, observa-se que as pessoas que participaram do questionário estão imersas na área educacional, demonstrando assim que estão em busca de aperfeiçoamento e só consegue ensinar bem quem aprende bem, como relatava Sócrates. “É mestre, porque é ele que guia [...] é mediador, porque sua palavra, sua companhia, ou, em outros termos, sua confissão e amizadeos introduz nessa ordem do saber. Não é possível introduzir-se “espontaneamente” Em suma, o homem precisa de “condução”, e o mestre desempenha o papel de mediador. (ARANHA 2006, p.13)

Assim sendo, o professor precisa saber mais do que apenas o conteúdo e metodologias, precisa analisar o aluno como um ser que precisa ser moldado e ensinado a voar. O professor tem um papel imprescindível na vida de uma criança e isso precisa estar claro como traz Cortella (2015, p.9) “faz parte da competência docente a capacidade de não só fazer bem aquilo que se faz, mas fazer o bem com aquilo que se faz.[...] bem formar é também formar para o bem”.

A segunda questão, se refere ao tempo que os participantes do questionário, atuam na área educacional, abaixo encontra-se gráfico, do tempo que trabalham como professores. Com esse gráfico nota-se que quatro professores atuam a mais de dez anos, dois professores atuam entre cinco a dez anos e um professor atua entre um a cinco anos.

Figura 1 – tempo de atuação dos professores



Fonte: Dados da pesquisa, (2021)

Não é incomum ouvirmos a frase: “Ah, os alunos de hoje não são mais os mesmos”. Quando alguém diz isso, está demonstrando sanidade mental. É claro que os alunos de hoje não são mais os mesmos. [...]. Afinal, alguém diz isso e, ainda assim, continua dando aula do mesmo jeito que dava há dez ou quinze anos? (CORTELLA,2014p.9). Com essa citação se percebe que a educação precisa ser vista com um olhar no futuro, pois antes os alunos sim eram diferentes não interagiam, pois dentro de casa a criança não tinha espaço para se expressar, hoje eles interagem em todas as situações, portanto o professor precisa entender quais metodologias usar para chamar a atenção do aluno, é uma competição imensa com o mundo lá fora onde oferece muitas atrações. Em tempo de pandemia essas situações ainda ficam mais desafiadoras por isso professor seja o mais jovem de carreira como o mais velho precisam rever suas práticas para obter êxito em seus ensinamentos.

A terceira questão, foi voltada para o conhecimento dos tipos de violência. Onde foi colocados os principais tipos de violência, e solicitado que indicassem quais conheciam, o que gerou o gráfico abaixo. Nessa questão foi colocada como opção para os professores responderem mais de um tipo de violência, por isso o gráfico ficou registrado de maneira diferente do gráfico da segunda questão.

Figura 2 – tipos de violência



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

O fato de conhecer não implica na forma de dominar fatos que façam o professor pensar mais profundamente sobre violência, saber e entender. Os professores conhecem a maioria dos tipos de violência, mas como relatam no questionário, nas questões levantadas não estão aptos para trabalhar essas situações. Como já vem sendo relatado no artigo a importância do olhar do professor para a realidade do aluno principalmente em tempos de pandemia, o professor precisa fazer uma ponte entre a escola e a família, as inquietações dos alunos precisam ser inquietações do professor. A percepção do professor é urgente em relação aos alunos e mostrar para essa criança que poderá ajudá-lo em situações que o incomodem. Como traz Cortella:

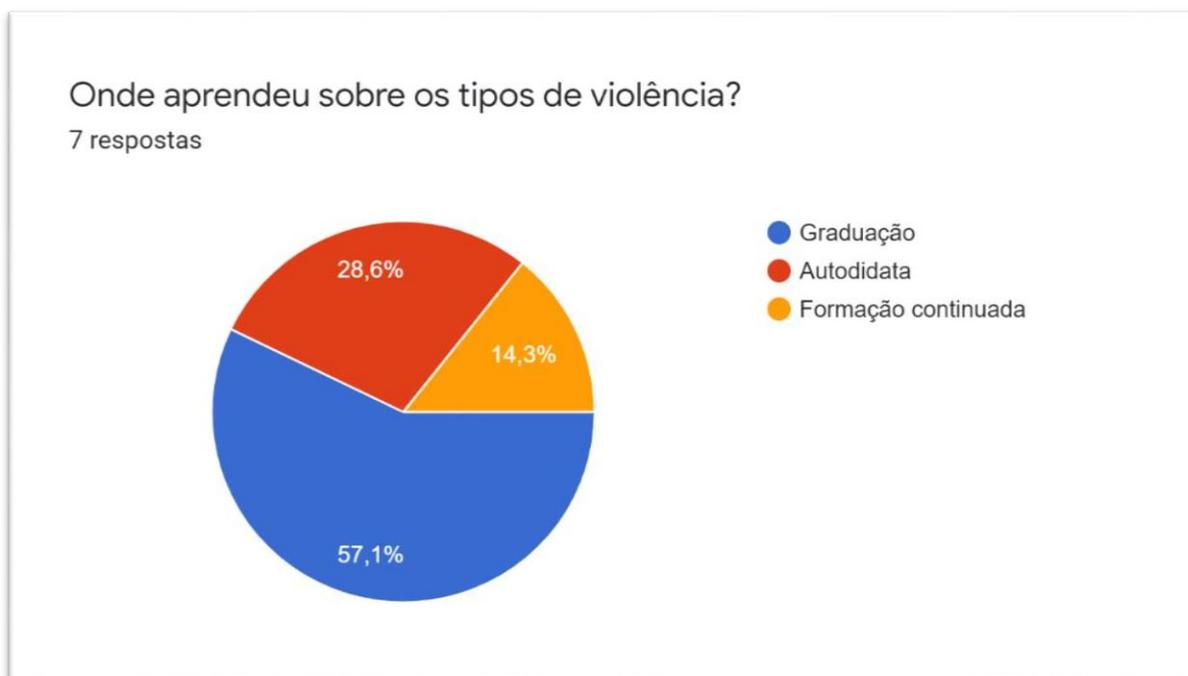
É extremamente triste quando alguns pais, mães, professores e professoras se acovardam diante da realidade e imaginam que não há alternativa. Porque isso contraria até uma capacidade humana. Uma das primeiras palavras que aprendemos a entender e a dizer é “não”. Somos um ser capaz de dizer “não” ao que parece não ter saída, de negar aquilo que sugere ausência de alternativa. Só pode dizer “sim” quem pode dizer “não”. (CORTELLA, 2015, p.23)

Nesta mesma visão Freire salienta a importância de o professor ter uma percepção afetiva para com os seus alunos:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

A quarta questão, foi referente ao como os entrevistados, aprenderam sobre os tipos de violência, cujo gráfico do resultado da questão encontra-se abaixo. Também nota-se pelo gráfico que quatro professores aprenderam sobre os tipos de violência na graduação, já dois professores aprenderam de forma autodidata, um professor aprendeu em formação continuada.

Figura 3 – Aprendizado sobre a violência



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Nota-se que a maioria dos participantes que responderam o questionário, colocou que adquiriram o conhecimento na graduação, em segundo lugar, com número de 28,6%, responderam que aprenderam da forma de autodidata, de forma autônoma. O que salienta ainda mais a importância da formação continuada, para os professores, visando o melhor desempenho da profissão e principalmente, no aperfeiçoamento da percepção do professor, para o aluno, voltado à busca do desenvolvimento integral da criança e/ou adolescente.

Sabemos que em sua formação inicial, o professor não se detém de todos os saberes necessários para que atenda todas as necessidades de uma sala de aula, pois esta muda de acordo com cada realidade, e com isso, é necessário que o/a professor/a permaneça estudando, realizando uma formação continuada a fim de (re)aprender, ou (re)significar suas práticas diárias, buscando aprimorar seus conhecimentos e suas práticas. [...] o professor necessita ter ciência de que o seu saber não é totalizado e que os alunos trazem para a sala de aula saberes prévios. O que o professor precisa é saber que em sua prática é necessário explorar a bagagem do seu alunado, pois eles tem conhecimentos que precisam apesar ser aperfeiçoado. Se propondo e se flexibilizando para modificar suas práticas metodológicas. (RODRIGUES, LIMA, VIANA, p.31. 2017)

Como pode-se observar, o papel do professor vai muito além, de um simples transmissor de conteúdo, ele carrega um compromisso social com a vida do aluno, visando sempre o desenvolvimento pleno do aluno.

A quinta questão foi voltada para a prática do professor, “5- Sente-se preparado para perceber se o aluno sofre algum tipo de violência, no presencial e a distância? Qual o seu procedimento diante dessa percepção? Exemplifique.”, onde foi obtido as respostas que seguem abaixo.

A- Apesar de já ter lido bastante a respeito, não me sinto preparada emocionalmente para perceber se o aluno sofre algum tipo de violência. Nesses anos que trabalho, tive contato com uma situação em que um aluno foi abusado sexualmente pelo avô materno. Fiquei sabendo do caso pela própria mãe do aluno e de imediato comuniquei a coordenação do colégio. O garoto já apresentava sinais de que algo não estava certo, ele era muito tímido e tinha vergonha de pedir para ir ao banheiro. Havia relatos da mãe, de que ele não se limpava direito e que só deixava ela limpá-lo. A coordenação do colégio junto

com a psicóloga já estava ciente do caso dele e depois do ocorrido, o trabalho com o menino se intensificou. Semanas depois do acontecido, a mãe precisou se mudar e o menino foi transferido para outra sede do colégio.

B- Não. Caso seja necessária, procurarei ajuda da orientação educacional e psicólogo do colégio.

C- Sim. Quando o aluno sofre algum tipo de violência ele muda seu comportamento, passa a ficar mais tímido e se socializa menos com os colegas, evita falar sobre o assunto. Ao perceber esse comportamento, devo comunicar à coordenação pedagógica.

D- Não. Quando descubro encaminho para a coordenação.

E- Sinto-me preparada sim. Sempre que percebo, primeiramente me aproximo do aluno, aos poucos converso até criar laço afetivo e assim, confiança. Após relato ao setor de Psicologia.

F- Não possuo uma preparação para tal. Mas sempre que percebemos alguma situação referente ao aluno, seja no desempenho escolar, no relacionamento com os outros, na forma de comportar e etc entramos em contato com a coordenação e responsáveis.

G- Acredito que ainda não estou totalmente preparada, tenho feito alguns cursos e leio muito a respeito. Quando acontece algum caso assim, meu primeiro procedimento é comunicar a coordenação escolar, para que sejam tomadas as providências, dependendo de cada caso.

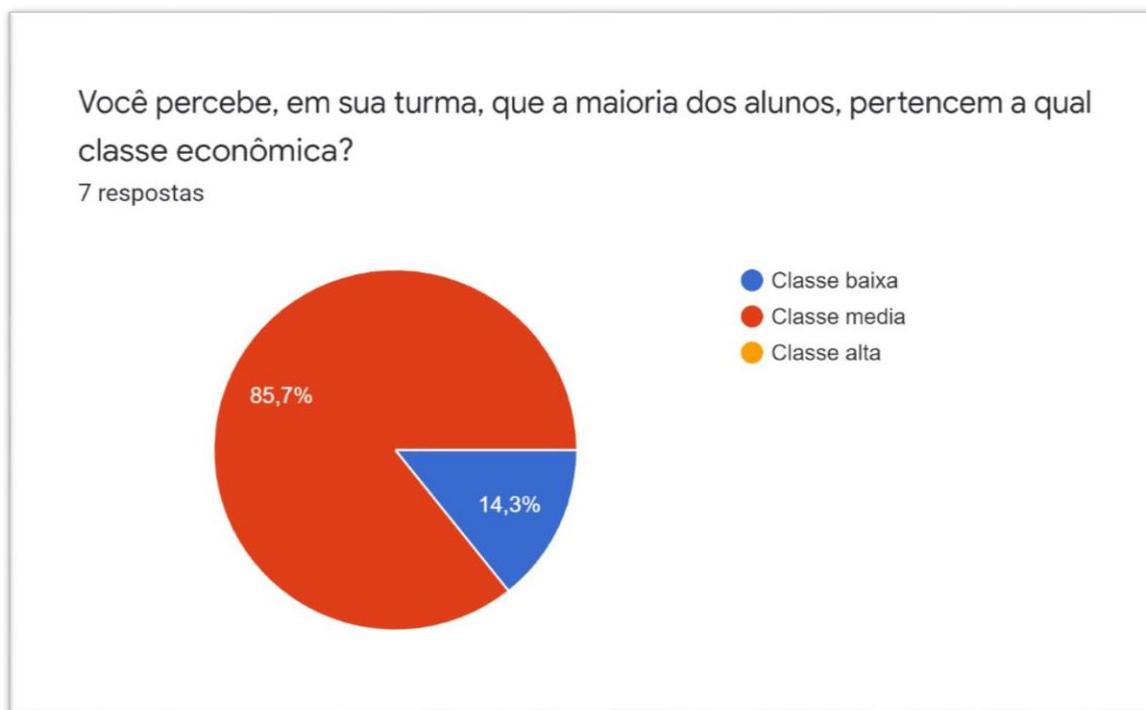
Pelas respostas das professoras, fica claro que os professores, participantes do questionário, não se sentem preparados para identificar as diversas, possíveis, situações que podem acontecer com os alunos. Nota-se pelas respostas, que as professoras teriam o mesmo posicionamento frente a possíveis sinais de violência sofrida pelos alunos, encaminhar para a coordenação. Entretanto, fica o questionamento, será que a coordenação está preparada para lidar com tal situação?

O questionário foi realizado com professoras do segundo e terceiro ano do ensino fundamental, turmas em que as professoras são exclusivas de suas respectivas turmas e não conseguem trabalhar questões pessoais e individuais de seus alunos. A formação continuada deve se fazer presente, para que o professor busque a cada dia conhecer e entender seu aluno, pois muitas vezes esse aluno usa como referencial o professor, confia nele e a procura para expor situações que o estejam incomodando.

A necessidade de o professor aprender e se atualizar, sempre fez parte de sua rotina profissional, entretanto nos tempos atuais, em que os alunos trazem para os professores, problemas vivenciados em casa e novas realidades, esta necessidade de aprimoramento se faz mais necessária. Portanto, nunca foram tão importantes a formação continuada e a busca constante por conhecimento, pois como salienta Freire “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (1996, p.58)

A sexta e última questão do questionário foi referente a percepção dos professores sobre a classe econômica dos seus respectivos alunos sobre a qual, se original o gráfico abaixo.

Figura 4 - Percepção da classe econômica



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Nota-se que a grande maioria dos professores consideram seus alunos como da classe média e apenas 14,3% considera que seus alunos são da classe baixa, ou seja, seis professores consideram que seus alunos são de classe média e um professor considera classe baixa.

A vulnerabilidade social das pessoas, famílias ou comunidades é então entendida como uma conjugação de fatores que pode afetar o nível de bem-estar das pessoas, famílias ou comunidades e que resulta em uma exposição maior ao risco. Trata-se, assim, de uma noção multidimensional, pois a vulnerabilidade pode afetar pessoas, grupos e comunidades em diferentes planos de seu bem-estar, de formas diferentes e em diferentes intensidades, estando relacionada à capacidade dos envolvidos de controlar os recursos requeridos para o aproveitamento de oportunidades propiciadas pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade (MACEDO & KUBLIKOWSKI, 2009, p. 692).

Conforme Macedo a vulnerabilidade extrapola a dimensão material, ou seja, situação financeira, portanto a violência também se percebe em famílias com estrutura social elevada, a situação de maus-tratos perpassa todos os fatores sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o artigo em questão observou e analisou a percepção do docente diante de várias realidades vividas pelos discentes no ambiente familiar, que acabam tendo repercussão no ambiente escolar. Registra-se que, durante o desenvolvimento desta pesquisa, decorrente à pandemia da Covid-19, o contexto escolar mudou, afastando alunos da escola. Essa dificuldade apenas despertou a vontade de saber como o professor consegue perceber o que acontece com o seu aluno quando está distante.

Com essa nova realidade, delimita-se a percepção voltado para os maus tratos, como o professor conseguiria analisar, perceber e ajudar seu aluno, que poderia estar passando por momentos de violência e de maus tratos dentro de sua casa, considerando que o professor só encontrava seu aluno por uma tela de computador.

Depois de estudos bibliográficos e análise de dados, percebe-se, conforme Cortella (2015), “a importância de o professor olhar seu aluno não apenas como um número, mas sim nas suas individualidades com suas subjetividades”, e com isso o professor não poderá apenas se deter em transmitir conteúdos, mas sim ouvir o aluno, muitas vezes o aluno pede “socorro” sem falar apenas olhando para o professor.

Com estudos feitos analisou-se que os professores que estão em sala de aula conhecem os tipos de violência ou / e maus tratos, mas demonstram que não estão preparados psicologicamente para trabalhar essa questão com os alunos, e assim, quando ficam sabendo de algum fato de violência, já encaminham para que seja resolvido pela equipe gestora.

A pesquisa foi realizada com professores de segundo e terceiro ano, do ensino fundamental, da rede privada no município de Ponta Grossa – PR. Os professores participantes responderam questionário via google forms sobre a temática abordada.

No decorrer do trabalho observou-se que a questão violência é recorrente no convívio humano, há muito tempo, tanto que se tem relatos de violência na bíblia e em contos gregos, demonstrando assim, que a violência está intrínseca à humanidade. Fato este, não deve normalizar episódios de violência na sociedade.

Ainda dentro da pesquisa bibliográfica, observou-se que os números de crianças e de adolescentes vítimas de algum tipo de violência ou maus-tratos, antes da pandemia, já eram altos, entretanto com a necessidade de isolamento social estes números aumentaram consideravelmente. A fim de consideração apenas as ocorrências registradas, uma vez que se imagina quantas outras ocorreram e não puderam ser registradas.

Ao observar as respostas das pessoas participantes da entrevista, notou-se que em sua totalidade foram aptas a atuarem na educação e a maioria continuaram estudando e se aperfeiçoando na área educacional. Além disso, muitas relataram terem o conhecimento sobre o assunto, violência e maus-tratos. Algumas tendo este conhecimento de forma convencional, outras de maneira autodidata.

Entretanto, apesar de terem o conhecimento não se sentem preparadas para identificar e trabalhar com estas questões, uma vez que a maioria encaminha o caso para a coordenação. O que mostrou que apenas o conhecimento teórico sobre o assunto, não trouxe segurança e ferramenta para identificar possíveis sofrimento dos alunos causado por violência familiar.

Com isto, questionou-se sobre o real preparo da equipe gestora frente a esses possíveis casos. Sendo que este campo fica em aberto para uma futura investigação acadêmica.

Para tanto, observa-se ainda a necessidade de uma formação continuada aos professores, visando o preparo para identificar possíveis maus-tratos ou violência sofridas pelas crianças e adolescentes. Neste viés, retoma-se a bibliografia, a qual afirma que em uma maioria consideravelmente alta, o agressor pertence ao núcleo de convívio da criança e do adolescente, diminuindo as possibilidades que a vítima tem de pedir ajuda, levando a reforçar o papel da interação atenta e delicada do professor em relação aos seus alunos.

REFERENCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Entre a Espada e a Palavra: Violência ou Diálogo?**.

São Paulo. Moderna. 2.ed. 2017.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 3.ed. 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Convivência e Ética audácia e esperança!**. São Paulo: Cortez, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 43ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRANVILLE-GARCIA, Ana Flávia, et al. **Conhecimentos e percepção de professores sobre maus-tratos em crianças e adolescentes**. Saude soc. 18 Mar 2009. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ZMpSFxTVdBV9rrrNyDDMntm/?lang=pt>> Acessado em 22 Fev. 2021 Às 13h.

KRAMER. Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade**. Brasília: FNDE, 2006.

KRUG, E. et al. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Geneva: OMS, 2002

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUVISOTTO, Angela. **Paraná registra números altos de violência contra menores na pandemia**. Gazeta do Povo, Ponta Grossa, 16 agosto 2021. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/parana/aumenta-violencia-contramenores-no>>

parana> Acessado em 16 Agos.2021 às 20h.

MACEDO, R. M. S. & Kublikowski, I. (2009). Valores positivos e desenvolvimento adolescente: perfil de jovens paulistanos. **Psicologia em Estudo**, 14, 689-698.

MEC, 2001. BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acessado em 10 ago. 2021. Às 23h.

MENDES, Eliane Rodrigues Pereira. **Raízes da violência no Brasil**: impasses e possibilidades. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200004> Acessado em 31 Ago. 2021. Às 17h.

MPPR. Ministério Público do Paraná. **Criança e Adolescente**: Tipos de Violência. Disponível em:<<http://crianca.mppr.mp.br/pagina-2148.html#>> Acessado em 17 Jun. 2021. Às 09h.

NUNES, Antonio Jakeulmo; SALES, Magda Coeli Vitorino, **Violência Contra Criança no Cenário Brasileiro**. Temas Livres. Ciência Saúde Colet. 21 Mar. 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.org/article/csc/2016.v21n3/871-880/pt/>> Acessado em 17 Jun. 2021 às 08h.

Organização Mundial da Saúde. 2021. **Violência**. Disponível em:<<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acessado em 15 set. 2021. Às 23h.

Organização Mundial da Saúde. 2021. **Histórico da pandemia Covid-19**. Disponível em :<<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acessado em 20 set. 2021. Às 9h.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Rio Grande do Sul. Universidade FEEVALE. 2013.

RODRIGUES, Polyana; LIMA, Willams dos Santos Rodrigues; VIANA, Maria Aparecida Pereira. **A Importância da Formação Continuada de Professores da Educação Básica**: AArte de Ensinar e o Fazer Cotidiano. Disponível em:<<http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/pdf/2017/09/3-A-IMPORT%C3%82NCIA-DA-FORMA%C3%87%C3%83O-CONTINUADA-DE->

PROFESSORES-DA- EDUCA%C3%87%C3%83O-B%C3%81SICA-A-ARTE-DE-
ENSINAR-E-O-FAZER-

COTIDIANO-ID.pdf> Acessado em 04 Set. 2021. Às 19h.

SÁ, Dominichi Miranda de. **Especial Covid-19: Os historiadores e a pandemia.**

Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html#.YMtOuKhKjIU>> Acessado em 17 Jun. 2021. Às 10h.

Onde surgiu o termo professor?. **Treinamento 24.** 2021. Disponível

em: <<https://treinamento24.com/library/lecture/read/580599-onde-surgiu-o-termo-professor>>. Acessado em 05 Jun. 2021. Às 21h.

ZULIANI, Géssica; MANARIN, Tailize; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **O Professor Frente a Violência Sexual Intrafamiliar e o Impacto no Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança.** V SIES, 2017. Disponível

em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3174.pdf>> Acessado em 22 Fev. 2021. Às 15h.